

A cor da palavra: literatura infantojuvenil brasileira e relações étnico-raciais

MAURÍCIO SILVA

Doutor em Literatura Brasileira; professor da Universidade Nove de Julho (São Paulo).
e-mail: maurisil@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

De modo muito especial, a literatura infantojuvenil apresenta aspectos diversos que, muitas vezes, ultrapassam os limites do estético, interferindo, de forma aguda e incisiva, no universo do ético e tornando-se, neste sentido, elemento indispensável ao processo de desenvolvimento – na criança e no jovem – do pensamento reflexivo, de aquisição de uma visão crítica da realidade, do aprofundamento de conceitos abstratos etc. Evidentemente, para esse complexo formativo/informativo concorrem fenômenos diversos, aos quais a literatura infantojuvenil está atenta e com os quais igualmente contribui, como a própria construção da identidade social da criança e do jovem.

Um fato aparentemente fortuito contribui para a afirmação dessa perspectiva: a literatura infantojuvenil não nasce como um produto criado *a priori* para deleite da criança, mas surge, antes, como resultado de um complexo cultural em que a tradição popular serve-lhe de base e a sociedade na qual ela se insere, de motivação criativa. Daí o fato de se pensar também, nesse contexto, a responsabilidade do educador que, em sua atuação profissional, lida com essa produção literária, uma vez que, nos interstícios da *atividade leitora* esconde-se um *aspecto formador*, este último de natureza pedagógica, responsável pelo desencadeamento de todo um processo de amadurecimento da criança, processo, aliás, que passa não apenas pelo desenvolvimento de sua inteligência e sensibilidade, mas também de seus mecanismos de interação social.

Esses são fatos que não podem ser esquecidos quando procuramos articular – como é nossa intenção neste trabalho – a produção literária infantojuvenil a aspectos da sociedade que, por circunstâncias históricas específicas, revelam-se particularmente “sensíveis” e conjunturalmente “críticos”, como é o caso das relações étnico-raciais no contexto da sociedade brasileira.

2. RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO E DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

A legislação voltada às questões étnico-raciais no Brasil não é nova, embora sua aplicação tenha sido prejudicada por uma série de percalços, que vão do histórico preconceito que impera na sociedade brasileira a impedimentos de natureza jurídica e afins. Especificamente sobre a educação das relações étnico-raciais, há uma legislação específica aprovada, e os direitos da população negra (embora não apenas dela) passaram a ser garantidos pela Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), que estabelece, entre outras coisas, o respeito aos valores culturais na educação e repúdio ao racismo, na medida em que determina tanto o estudo quanto o respeito às contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro. Semelhante determinação acabaria resultando naquela lei que, mais do que qualquer outra, incide diretamente sobre a importância da contribuição das matrizes culturais próprias da população afrodescendente: trata-se da Lei 10.639, sancionada em 9 de janeiro de 2003, por meio da qual se torna obrigatório, no Ensino Fundamental e Médio, o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, o que assinala a necessidade do estabelecimento de novas diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais no Brasil.

A sanção da referida lei acabou tendo dois desdobramentos fundamentais para a inserção de temas próprios às relações étnico-raciais na educação nacional. Um deles foi a realização, pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), do Parecer 3/2004, que salienta a necessidade do estabelecimento de diretrizes curriculares que “orientem a formulação de projetos empenhados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, assim como comprometidos com a educação de relações étnico-raciais positivas” (Ministério da Educação, 2004, p. 9). O outro foi, também por obra do Conselho Nacional de Educação, a Resolução n. 1, de 2004, em que se instituem as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*, a serem observadas pelas instituições de ensino e que se constituem em “orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática” (Ministério da Educação, 2004, p. 31).

Uma consideração fundamental, a nosso ver, merece ser feita a partir da exposição desse plano de intenções que, diga-se de passagem, tem peso normativo e legal: a necessidade de se introduzir, não apenas no âmbito do imaginário social brasileiro, mas também em sua prática cotidiana, os conceitos de *sociedade multicultural*

e de *sociedade pluriétnica*, ambos presentes na resolução supracitada, como elementos balizadores da educação que se pretende forjar no Brasil.

Sobre o primeiro, *sociedade multicultural*, cumpre destacar a necessidade, no mundo globalizado de hoje, de práticas sociais voltadas à valorização da *diversidade*, conceito que acaba incidindo sobre todos os planos da sociedade, do étnico ao religioso, do cultural ao político. Nesse sentido, torna-se imperativo a promoção de uma educação multicultural, que, como já se afirmou uma vez, requer uma ampla reforma escolar com a finalidade de “criar iguais oportunidades de sucesso escolar para todos os alunos, independentemente de seu grupo social étnico/racial” (Gonçalves & Silva, 2006, p. 50). Essa educação multicultural pressupõe, evidentemente, modos de atuação diversos, num constante diálogo com a sociedade, no sentido deliberado de desfazer preconceitos, promover a igualdade de oportunidades e adotar políticas de valorização de culturas historicamente marginalizadas. Trata-se, em outras palavras, do indispensável resgate da *memória étnica* – ligada, entre outras coisas, aos temas da identidade racial e diversidade cultural –, como sugere Kabengele Munanga, para quem a educação multicultural representa, no plano prático, o resgate da memória e, consequentemente, da plenitude histórico-social do negro:

qualquer que seja sua forma, o multiculturalismo está relacionado com a política das diferenças e com o surgimento das lutas sociais contra as sociedades racistas, sexistas e classistas. Por isso, a discussão sobre multiculturalismo deve levar em conta os temas da identidade racial e da diversidade cultural para a formação da cidadania como pedagogia antirracista (Munanga, 2004, p. 345).

O outro conceito, *sociedade pluriétnica*, aproxima-se bastante do primeiro, na medida em que dele advém e com ele estabelece laços inequívocos de interação. Assim, educar para uma sociedade pluriétnica é fomentar práticas sociais voltadas para a convivência plena dos cidadãos; incentivar programas de inclusão socioeducacional; desenvolver políticas de reparação, por meio de ações afirmativas diversas; valorizar o patrimônio histórico-cultural das etnias marginalizadas; enfim, implementar ações que, superando os preconceitos historicamente forjados e as discriminações tradicionalmente toleradas, resgatem a autoestima, o universo simbólico, a cidadania e a identidade racial das comunidades que compõem a sociedade brasileira, particularmente os afrodescendentes. Como afirma Maria José Silva, “ao se falar em educação, não se pode ter em vista apenas a escolarização, mas também o preparo para a tolerância e da diversidade, fundamental para uma sociedade com pluralidade étnica (Silva, 1999, p. 141).

A nosso ver, a literatura infantojuvenil pode desempenhar, além de todos os

atributos estéticos próprios de sua natureza enquanto manifestação artística, papel decisivo no incentivo de uma sociedade que, por se afirmar como *multicultural* e *pluriétnica*, tende a valorizar seus componentes culturais africanos e afro-brasileiros e, conseqüentemente, tornar-se mais equânime e justa.

O encontro entre a literatura infantojuvenil e as relações étnico-raciais resulta num complexo conjunto de manifestações artístico-literárias que Luiz Fernando França subdividiu da seguinte maneira: obras que tematizam o universo da cultura africana e afro-brasileira; obras que tematizam o preconceito racial diante a realidade social contemporânea; obras que tematizam a escravidão; obras que tematizam a identidade negra e a diversidade cultural do Brasil; e obras que, sem abordar diretamente a questão racial, apresentam o negro como personagem literária, em situação de igualdade com os outros personagens (França, 2008). Seu quadro exprime bem a diversidade de perspectivas que podem ser adotadas para se tratar da conjunção entre a literatura infantojuvenil e as relações étnico-raciais, revelando o quanto semelhante abordagem pode ser rica e complexa. Sem entrarmos no mérito da subdivisão proposta – já que as subdivisões e historicizações literárias dela resultantes ou que nela resultam nunca estão isentas de críticas –, vale ressaltar que essa discussão pode-se adensar ainda mais se levarmos em consideração a dificuldade em *simplesmente* se caracterizar essa literatura, que para a crítica especializada se define ora como uma literatura *negra*, ora como *afro-brasileira*, ora ainda como *afrodescendente*. A exposição sucinta da questão, que fazem Florentina Souza e Maria Nazaré Lima, nos dá uma ideia mais precisa da complexidade do tema:

a denominação “literatura negra”, ao procurar se integrar às lutas pela conscientização da população negra, busca dar sentido a processos de formação da identidade de grupos excluídos do modelo social pensado por nossa sociedade. Nesse percurso, se fortalece a reversão das imagens negativas que o termo “negro” assumiu ao longo da história. Já a expressão “literatura afro-brasileira” procura assumir as ligações entre o ato criativo que o termo “literatura” indica e a relação dessa criação com a África, seja aquela que nos legou a imensidão de escravos trazida para as Américas, seja a África venerada como berço da civilização. Por outro lado, a expressão “literatura afrodescendente” parece se orientar num duplo movimento: insiste na constituição de uma visão vinculada à matizes culturais africanas e, ao mesmo tempo, procura traduzir as mutações inevitáveis que essas heranças sofreram na diáspora” (Souza & Lima, 2006, p. 24).

De qualquer maneira, independentemente da “divisão” que se faça da produção literária infantojuvenil vinculada às questões étnico-raciais e da “definição” que

suas diversas manifestações podem assumir, o fato é que essa produção – ao se associar às noções anteriormente propostas de multiculturalismo e pluralidade étnica – não prescinde de uma *agency* que resulta numa conscientização da identidade negra (Bernd, 2010), por isso mesmo não apenas inserindo-se no contexto normativo da lei 10.639/03, mas principalmente numa ampla discussão histórica da formação da sociedade brasileira.

Diante do quadro exposto, contudo, ainda caberia perguntar: qual a natureza – e, por extensão, quais as propriedades, as idiosincrasias, os elementos determinantes – de uma literatura infantojuvenil especialmente vinculadas – seja pela temática, seja pela autoria, seja ainda pela ideologia veiculada – à questão étnico-racial?

Pesquisas acadêmicas ou não, voltadas para a presença da temática negra nas obras de literatura infantojuvenil brasileira, podem nos apontar o caminho para uma resposta minimamente satisfatória. Em seu já clássico estudo sobre o perfil ideológico dessa literatura no período de 1955 a 1975, Fúlvia Rosemberg, analisando 168 livros infantojuvenis brasileiros (num total de 626 histórias), detecta, entre outras coisas, um tratamento diferenciado – que, no entanto, aparece de forma aberta ou velada – dado a brancos e negros. Assim, segundo seu estudo, personagens mais frequentes nos textos e nas ilustrações, os brancos são também representados como modelos da espécie humana, apresentando atividades profissionais mais diversificadas, recebendo melhor acabamento estético, representando figuras e personagens históricos mais relevantes etc. (Rosemberg, 1985), o que pode resultar, por fim, não apenas na instauração de um processo discriminatório de fato, mas de uma *violência simbólica* (Lima, 2005). Ao se pensar nessa questão de forma similar, mais de duas décadas depois, percebe-se, por exemplo, que, embora a figura do negro continue pejorativamente marcada no imaginário brasileiro, gerando preconceitos diversos, há atualmente uma produção literária infantojuvenil que já aponta para um movimento de transformação desse padrão, com a publicação de obras que procuram valorizar a figura do negro e realçar uma identidade que se constrói a partir da diversidade (Knop, 2010).

Percebe-se, portanto, uma diferença significativa, que acusa – inclusive quantitativamente (Debus, 2007; Debus & Vasques, 2009) – um caminhar na direção da construção de uma literatura mais condizente com a realidade atual, mas sem deixar de lado uma perspectiva crítica que, por isso mesmo, denuncia atos de discriminação implícita ou explícita, ainda presentes em nossa produção literária infantojuvenil.

Buscando, portanto, responder em parte o questionamento feito acima, acerca dos vínculos entre a literatura infantojuvenil e questões de natureza étnico-racial, partimos, antes de mais nada, do princípio de que, como já se afirmou mais de uma vez (Silva, s.d.), assumir/incluir posicionamentos éticos nos textos literários para crianças e jovens – especialmente voltados para as relações étnico-raciais – não significa limitar

o potencial estético das obras. A partir desse ponto de vista, não hesitamos em afirmar que a literatura infantojuvenil direta ou indiretamente vinculada às relações étnico-raciais pauta-se ou deve pautar-se por atitudes de valorização da cultura afro-brasileira, de estímulo à (re)construção de uma identidade afrodescendente, de resgate da autoestima, dos valores culturais, dos direitos, da memória e da identidade do negro, desfazendo injustiças seculares e ressemantizando o conceito de *negritude* a partir de um agenciamento afro-brasileiro, atitudes, por fim, norteadas pelos princípios genéricos de multiculturalismo e pluralidade étnica, antes citados.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura infantojuvenil brasileira contemporânea trata de assuntos diversos – nesse sentido, pode-se dizer que ela adquiriu uma nova dimensão, sobretudo pelo fato de a “fantasia” (num sentido estrito do termo) ceder, cada vez mais, espaço para a ficção “realista” (num sentido lato do termo), com um claro traço social e, muitas vezes, pouco interessada em fazer concessões a uma pedagogia moralizante.

Considerada até pouco tempo um gênero literário secundário, a literatura infantojuvenil passou a ter uma importância incomensurável na atualidade, atuando ainda na construção da própria cidadania da criança, facilitando o diálogo e a formação de uma consciência crítica no leitor-mirim. Desse modo, tanto o educador quanto os pais têm oportunidade de trabalhar conflitos infantis a partir de histórias que estimulem o imaginário infantil, mas também que levem em conta aspectos diversos da sociedade contemporânea, como é o caso das relações étnico-raciais e os conflitos que delas resultam.

Semelhante constatação pressupõe, contudo, uma consideração mais ampla e, também, mais crítica da questão: Rosane Cardoso, por exemplo, lembra que mesmo a produção infantojuvenil brasileira contemporânea não é pródiga em trazer personagens com quem a criança afrodescendente possa se identificar, embora algumas exceções já comecem a surgir no cenário atual. E completa: “a presença de personagens negras na literatura é fundamental para todos os leitores. Se, por um lado, para a criança negra, essa mudança pode contribuir para a autoestima e o seu reconhecimento no mundo, para a branca pode ser o espaço de reconhecimento da diversidade étnica” (Cardoso, 2011, p. 131).

A questão da identificação do leitor com personagens da literatura infantojuvenil – bem como a consideração da leitura como forma de superação de preconceitos – também é ressaltada por Ruth Barreiros, que considera que “a identificação com

narrativas próximas da sua realidade e com personagens que vivem problemas e situações semelhantes as suas leva o leitor a reelaborar e se conscientizar sobre o seu papel social e contribui para a afirmação de uma identidade étnica” (Barreiros, 2009, p. 4).

Desse modo, pode-se concluir que aquela expressão literária infantojuvenil que se vincula às questões étnico-raciais – chamemo-la ou não de literatura afro-brasileira –, para além de sua importância no âmbito da *estética* propriamente dita, desempenha uma função *ética* que se volta para duas ações distintas e complementares: primeiro, desfazer o imaginário popular que – quase que naturalmente, pois se assenta num inconsciente essencialismo – subalterniza o afrodescendente, colocando-o numa posição inferiorizada diante do enquadramento das relações sociais brasileiras, historicamente forjadas a partir do modo de produção escravocrata aqui vigente por pelo menos quatro séculos; segundo, desestabilizar práticas discriminatórias que reproduzem o imaginário antes citado, relegando o afrodescendente à condição de objeto a ser descartado – ou, ao menos, desqualificado – como elemento supérfluo neste mesmo sistema de relações sociais, de tal maneira que, cada vez mais, ele seja “invisibilizado” ou, no limite, sumariamente suprimido do contexto histórico-cultural brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azevêdo, Eliane. *Raça. Conceito e preconceito*. São Paulo, Ática, 1987.
- Barreiros, Ruth Ceccon. “A literatura infantil Afro-Brasileira e a Formação Leitora no Ensino Fundamental”. *Anais do 17º Congresso de Leitura do Brasil – COLE*, Campinas, Unicamp, jul. 2009, p. 1-9. Disponível em http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem15/COLE_3659.pdf
- Bernd, Zilá. “O literário e o identitário na literatura afro-brasileira”. *Revista Língua & Literatura*, Frederico Westfalen, vol. 12, n. 18: 33-44, ago. 2010.
- Cardoso, Rosane. “A criança que se lê, o mundo que se percebe, o sonho que se constrói: possibilidades da inclusão étnico-racial”, in: Oliveira, Alexandre *et alii*. *Deslocamentos críticos*. São Paulo, Itaú Cultural/Babel, 2011, p. 129-142.
- Debus, Eliane Santana Dias. “A Literatura Infantil Contemporânea e a Temática Étnico-Racial: Mapeando a Produção”. *Anais do 16º. Congresso de Leitura do Brasil*, Campinas, Unicamp, jul. 2007, p. 1-10. Disponível em http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss12_06.pdf
- Debus, Eliane Santana Dias & Vasques, Margarida Cristina. “A linguagem literária e a pluralidade cultural: contribuições para uma reflexão étnico-racial na escola”, *Conjectura*. Universidade de Caxias do Sul, vol. 14, n. 2: 133-144, mai.-ago. 2009.
- Duarte, Eduardo de Assis. “Na cartografia do romance afro-brasileiro”, *Um defeito de*

- cor, de Ana Maria Gonçalves”, in: Almeida, Júlia; Miglievich-Ribeiro, Adelia; Gomes, Heloisa Toller (orgs.). *Crítica Pós-Colonial. Panorama de Leituras Contemporâneas*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2013, p. 208-227.
- Fernandes, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo, Global, 2007.
- _____. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo, Global, 2008.
- França, Luiz Fernando de. “Desconstrução dos estereótipos negativo do negro em *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, e em *O menino marron*, de Ziraldo”. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, Universidade de Brasília, No. 31: 111-127, 2008.
- Disponível em (<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/view/2022/1595>)
- Geulen, Christian. *Breve Historia del Racismo*. Madrid, Alianza Editorial, 2010.
- Gomes, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte, Autêntica, 2011.
- Gonçalves, Luiz Alberto O.; Silva, Petronilha B. Gonçalves. *O jogo das Diferenças: o multiculturalismo e seus contextos*. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.
- Guimarães, Antonio Sérgio Alfredo. *Preconceito racial: modos, temas e tempos*. São Paulo, Cortez, 2008.
- Knop, Rita Maria. *Antes, era uma vez, hoje, essa é a sua vez: uma abordagem comparativa da representação social do negro na literatura para crianças*. Belo Horizonte, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2010 (dissertação de mestrado).
- Lima, Heloisa Pires. “Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil”, in: Munanga, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília, Ministério da Educação/SECAD, 2005, p. 101-115.
- Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, outubro de 2004.
- Munanga, Kabengele. “Educação Multicultural e Desenvolvimento Humano no Contexto da Diversidade Brasileira”. *Teoria e Prática da Educação*. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, vol. 7, n. 3, pp. 343-348, set./dez. 2004.
- Pereira, Edimilson de Almeida & White, Steven F. “Brasil: Panorama de Interações e Conflitos numa Sociedade Multicultural”. *Afro-Ásia*, Universidade Federal da Bahia, Salvador, n. 25-26, pp. 257-280, 2001.
- Rosemberg, Fúlvia. *Literatura Infantil e Ideologia*. São Paulo Global, 1985.
- Sartre, Jean-Paul. *Reflexões sobre o racismo*. Rio de Janeiro, Difel, 1978.
- Schwarcz, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira*. São Paulo, Claro Enigma, 2012.
- Silva, Liliane Maria Jamir e. “O imaginário da inclusão na Literatura Infantojuvenil”. *Construir Notícias*, Recife, s.d. Disponível em (<http://www.construirmoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1044>)

Silva, Maria José Lopes da. "As Exclusões e a Educação", *in*: Trindade, Azoilda L. e Santos, Rafael dos (orgs.). *Multiculturalismo. Mil e Uma Faces da Escola*. Rio de Janeiro, DP&A, 1999, p. 139-147.

Souza, Florentina e Lima, Maria Nazaré (orgs.). *Literatura Afro-Brasileira*. Brasília, Centro de Estudos Afro-Orientais / Fundação Palmares, 2006.

Artigo recebido em 11/06/2017; aprovado para publicação em 04/07/2017

RESUMO: O presente artigo trata das possíveis relações entre a literatura infantojuvenil brasileira contemporânea e a questão das relações étnico-raciais, destacando aspectos relacionados à crítica, à discriminação racial e ao combate ao racismo, bem como à representação da personagem afrodescendente nesta produção literária.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantojuvenil. Literatura brasileira contemporânea. Relações étnico-raciais. Racismo.

ABSTRACT: This article discusses the relationships between contemporary Brazilian children's literature and the issue of ethnic-racial relations. This article points out the critical aspects related to racial discrimination and racism, as well as the representation of african descent character in this literature.

KEYWORDS: Children's literature. Contemporary Brazilian literature. Ethnic-racial relations. Racism.